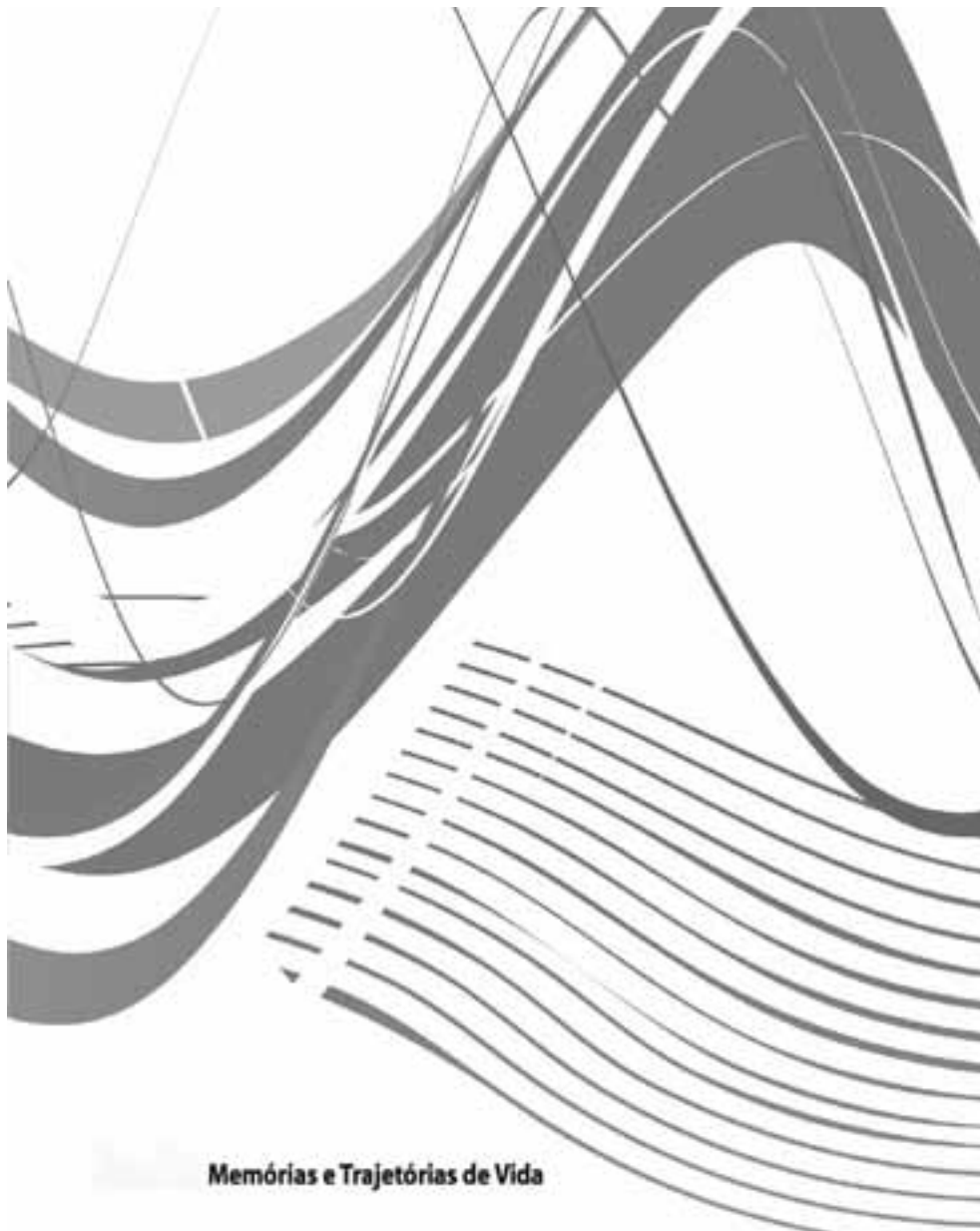


## **Revista TEL**

**Volume 3 - Número 1 - Jan./Abr. 2012 - ISSN 2177-6644**

**Ancelmo Schörner, Claércio Ivan Schneider,  
Hélio Sochodolak, Oséias de Oliveira (Orgs.)**



**Memórias e Trajetórias de Vida**

**Universidade Estadual do Centro-Oeste -UNICENTRO**

**Guarapuava / Irati - Paraná - Brasil  
[www.unicentro.br/revistatel](http://www.unicentro.br/revistatel)**

## Revista TEL

Publicação do  
Programa de Pós-graduação em História da Unicentro-PR

UNICENTRO  
PR 153 Km 07 - Riozinho  
84500-000 Irati - PR

Fone: (0xx42) 3421-3026  
Fax: (0xx42) 3421-3000  
e-mail: sochodo@gmail.com  
www.unicentro.br/revistatel

FICHA CATALOGRÁFICA  
(Catalogação na fonte)

TEL / Programa de Pós-graduação em História da  
UNICENTRO-PR – v.1, n.1 (2010)  
Irati: UNICENTRO, 2012 -  
Orgs. Helio Sochodolak, Oseias de Oliveira  
Quadrimestral.  
ISSN 2177-6644  
1. História – Periódicos.

Nota: O conteúdo e a revisão ortográfica e gramatical dos artigos desta revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

### Editoria

Hélio Sochodolak  
Cláudio DeNipoti  
Claércio Ivan Schneider  
Oseias de Oliveira

### Comissão Executiva

Claércio Ivan Schneider  
Hélio Sochodolak  
Oseias de Oliveira

### Pareceristas

Hélio Sochodolak  
Sheille Freitas  
Isléia Streit  
Valter Martins

### Comissão Editorial

Cláudio DeNipoti  
Edson Armando Silva  
Hélio Sochodolak  
José Adilçon Campigoto  
Joseli Maria Silva  
Oséias de Oliveira  
Regina Chicoski

### Conselho Consultivo

José Augusto Drummond  
Christian Brannstrom  
Marcia Menendes Motta  
Lise Fernanda Sedrez  
Jose Miguel Arias Neto  
José D'Assunção Barros  
Gizele Zanotto  
Paulo Pinheiro Machado  
Ely Bergo de Carvalho  
Hélio Rebello Cardoso Jr  
Eunice Sueli Nodari  
Regina Horta Duarte

### Revisão

Rogério Vial  
Ancelmo Schorner

### Diagramação

Jacieli Domengues Pereira  
Oseias de Oliveira  
Hélio Sochodolak  
Ancelmo Schorner

### Capa

Oséias de Oliveira

# MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA

Memories and life trajectories

Memorias y trayectorias de vida

Ancelmo Schörner

Hélio Sochodolak

Oseias de Oliveira<sup>1</sup>

1. Programa de  
Pós-graduação  
em História  
UNICENTRO - PR

SCHORNER, A; SOCHODOLAK, H; OLIVEIRA, O. Memórias e Trajetórias de Vida. *Revista Tempo, Espaço, Linguagem*. Irati, v. 03, n. 01, p. 04-26, 2012.

A Revista TEL – Tempo, Espaço e Linguagem - vem passando por renovação editorial, técnica e conceitual com a sua vinculação ao Programa de pós-graduação em História da UNICENTRO-PR. Determinante tem sido a participação dos mestrandos que estão se envolvendo em todas as fases do trabalho editorial, desde a divulgação até as tarefas de revisão técnica e diagramação.

Este volume reúne artigo de diversos pesquisadores e têm como fio condutor as memórias e trajetórias dos personagens estudados. Através das histórias de vida pode-se captar o que acontece na intersecção do indivíduo com o social, assim como permite que elementos do presente fundam-se a evocações passadas. Podemos assim, dizer, que a vida olhada de forma retrospectiva faculta uma visão total de um conjunto, e que é o tempo presente que torna possível uma compreensão mais aprofundada do momento passado. (PAULILO, 1999). São estas formulações que abrem caminho para a compreensão da diversidade humana a partir das múltiplas temporalidades sociais e nas relações entre passado e presente.

É dessa forma que as narrativas ganham importância. São elas que nos permitem compreender o “o próprio processo de lembrança com marcos espaciais e temporais definidos pelas memórias pessoais, contendo apropriações de memórias de outras pessoas com as quais o narrador conviveu. Sendo assim, a sua narrativa é parte de um conjunto de outras narrativas do coletivo com o qual a pessoa se identifica”. (BARBATO, 2004, p. 103). Essas lembranças, então, são vistas como desencadeadas não somente pela participação pessoal do sujeito entrevistado, mas pela série de pergun-

tas que levam-nos a examinar esta narrativa, também, do ponto de vista de desenvolvimento pessoal intrincado em memórias de eventos ou episódios que são considerados relevantes por ele. É esta dialogicidade que define o vetor da história a ser contada, os fatos a serem focados, a vivacidade das memórias lembradas e a serem valorizadas.

Por isso lançamos mão de um conceito capaz de permitir esse resgate: o de trajetória. Segundo Bertaux (1979), as trajetórias (no plural) são definidas a partir de uma relação entre a origem, isto é, o lugar na estrutura de classe da família onde a pessoa nasce e a trajetória posterior. Assim, por trajetórias entendemos “o encadeamento temporal das posições sucessivamente ocupadas pelos indivíduos nos diferentes campos do espaço social” (SILVA, 2005, p. 62).

Vera da Silva Telles, em *Pontos e linhas de uma descrição da cidade* (2007), sustenta que espaço e tempo estão imbricados no que ela chama de *evento de mobilidade*, de tal modo que mais importante do que identificar os pontos de partida e os de chegada, são esses eventos que precisam ser questionados: pontos críticos, pontos de inflexão, de mudança e também de entrecruzamento com outras histórias, em torno das quais, ou pelas, quais são redefinidas práticas sociais, agenciamentos cotidianos e destinações coletivas. Para ela, essas mobilidades são demarcadas e compassadas por eventos atravessados por *três linhas de intensidade*. Uma delas é a *linha vertical das cronologias*, em que os tempos biográficos se sucedem em compasso com o tempo social-histórico: no âmbito interno das famílias, a sucessão das gerações com suas linhas de continuidade e rupturas, heranças familiares transmitidas, redefinidas ou reinterpretadas conforme as mudanças nos agenciamentos domésticos e hierarquias internas, mas também as escolhas e projetos que mobilizam os recursos disponíveis em cada configuração social. (TELLES, 2007, p. 24).

A outra é a *linha horizontal das espacialidades*, em que os tempos se efetuem: as práticas deixam suas marcas no espaço e estas se objetivam, ganham forma e constroem referências que permitem entrecruzamentos com outras histórias, outros percursos, outros eventos que pontilham e constroem a história urbana - não a linha das filiações familiares, mas das comunicações transversais com outros grupos e situações e que fazem conexões com outros pontos de referência do social (e da cidade). (TELLES, 2007, p. 25). Há, ainda, atravessando tudo isso em uma *linha perpendicular*, os even-

tos políticos, que ganham forma e também operam como referências práticas que compõem os territórios urbanos (e suas diferenças internas): a cronologia dos investimentos públicos, os conflitos sociais e suas derivações, práticas de tutela e clientelismo que vêm de muito tempo e que persistem entrelaçadas com as mediações democráticas de representação política, formas de ação coletiva e de solidariedade que se alimentam de fontes diversas e que também vêm de tempos diferentes, aberturas e retrocessos políticos que sucedem aos calendários eleitorais. Eventos e situações que podem ser tomados como vetores que conectam espaços e territórios no plano de atualidade dos tempos políticos da cidade. (TELLES, 2007, p. 25).

Se existem fraturas, elas não derivam de uma categorização prévia, mas procedem da prospecção desses percursos, das relações que se entrecruzam e se superpõem nas histórias individuais e os modos como estas vão se conjugando nos tempos e espaços em que transcorrem. De acordo com Jacques Revel (1998,), seguir o traçado das trajetórias de indivíduos e famílias significa seguir *a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a medida das relações nas quais (um destino particular) se inscreve*. É uma abordagem do social que responde a um “programa de análise das condições da experiência social restituídas na sua máxima complexidade”.

Seguindo as palavras de Vera da Silva Telles, nos eventos biográficos de indivíduos e suas famílias há sempre o registro de práticas e redes sociais mobilizadas (ou construídas) nos agenciamentos cotidianos da vida, que passam pela relações de proximidade, mas não se reduzem ao seu perímetro. Assim, uma trajetória pode ser individual, mas jamais isolada, pois toma como base pontos externos do sujeito.

Daí a exigência descritiva, diferente do princípio narrativo do tempo: contar uma história, descrever um espaço. Um trabalho descritivo que escape da abstração desencarnada dos números e indicadores, seja da referência exclusiva (e problemática) ao local, espaços ou microespaços das “comunidades”. Trata-se, assim, de traçar a *simultaneidade de tempos sociais e de tempos biográficos distintos*. O tempo passado é atualizado em práticas conjugadas no tempo presente, ao mesmo tempo em que estas são redefinidas nos vetores pelos quais operam as atuais transformações no mundo do trabalho e nos espaços da cidade. (TELLES, 2007, p. 27). Ou seja, simultaneidades de tempos/ espaços diferenciados, mas que acabam se entrecruzando de alguma maneira.

Dessa forma, é no confronto entre as diversas situações que essas tra-

jetórias vão se perfilando nos seus focos de tensão, nos seus campos problemáticos. Não a “questão do coronelismo”, mas as diferentes modulações do mundo onde esses sujeitos se inserem (TELLES, 2007, p. 27). Assim, vamos puxando essas linhas e delas apreender o *plano de atualidade* que atravessa as histórias e situações as mais contrastadas, “haja vista que que essas trajetórias são inteiramente presentificadas por atores sociais nos quais se apoia toda a carga temporal” (LEPETIT, 1993, p. 141ss).

Os textos reunidos neste volume articulam, de diversas formas, as três linhas propostas por Vera da Silva Telles: a *linha vertical das cronologias*, em que os tempos biográficos se sucedem em compasso com o tempo social-histórico; a *linha horizontal das espacialidades*, em que os tempos se efetuam; e a *linha perpendicular*, onde os eventos políticos ganham forma e também operam como referências práticas.

No primeiro artigo, “*Se eu casar eu perdo o ganho*”: *memórias de Teresa*, a autora, valendo-nos da história oral, registra o testemunho de tereza, habitante da periferia de Mandaguri (PR). Através de suas memórias é possível, tal como nos aponta Paul Thompson, “desafiar a subjetividade, descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta”. (THOMPSON, p. 197). Além disso, ela representa a realidade com as suas respectivas diferenças, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade, reconhece que as lembranças são as artes do indivíduo e redimensiona as relações entre passado e presente. A evidência oral é uma fonte importante, é mais uma das formas de que dispõe o pesquisador para a construção de identidades do passado, para a interpretação das representações no tempo e espaço das experiências humanas. (LUCENA, 1999, p. 24). Aqui nos são apresentados a infância de Teresa, suas experiências de conjugalidade popularmente conhecido por “amigamento” ou mancebia e aqui denominado união consensual, a relação com os filhos e as estratégias de sobrevivência num mundo marcado por privações e misérias foram temas abordados nas entrevistas. Nesse sentido, suas memórias nos levam a ter um olhar menos centralizado e uniforme sobre as experiências do passado e do presente dos diferentes grupos sociais, neste caso, moradores da periferia de uma pequena cidade do Paraná.

O segundo texto, *Cultura Histórica e Educação Patrimonial: Memórias do Nazismo: 70 Anos da Exposição Entartete Kunst*, nos coloca diante das intrincadas relações entre cultura histórica e educação patrimonial, posto que

estas envolvem varias e complexas questões que dizem respeito à definição de cultura histórica, patrimônio, educação patrimonial. O texto, resultado de uma experiência realizada no âmbito do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina, no ano de 2007, intitulada: Memórias do Nazismo: 70 anos da Exposição Entartete Kunst (Arte Degenerada), se pretende também fazer, assim como a própria exposição, uma provocação, no sentido de que este experimentasse a construção do nazismo e de sua reinterpretação contemporânea com objetivo de promoção de uma reflexão sobre as várias formas de intolerância e de como, cada indivíduo é, pela aceitação, pelo silêncio, pela omissão e mesmo pela ação, responsável pelas práticas intolerantes.

No terceiro artigo, *A Trajetória de vida intelectual de Victor Dumoncel Filho e suas implicações na Primeira República*, estamos diante de Victor Dumoncel Filho, cuja trajetória de vida está vinculada à história política do Rio Grande do Sul, notadamente na Primeira República, embora sua influência política local e estadual vai além desta data e se estende até o período da ditadura militar. (terceira linha...). O texto discute elementos da história política sulina interiorana numa perspectiva da história cultural transitando na história intelectual, em virtude da aproximação, mesmo que informal, do personagem com as letras, com leituras cotidianas e com a busca por informações fundamentais para compor sua atuação política local.

Na sequência temos o texto *Trajetória de um imigrante no sul do Brasil: Friedrich Christian Klinglhoefffer (1826-1838)*. Neste artigo nos é apresentado o “cura de almas”, Friedrich Christian Klinglhoefffer, também conhecido como “Pastor Farrapo”, que empunha armas contra o Império Brasileiro no primeiro quartel do século XIX. No texto vão ficando claro como se desdobram fatos que caracterizam sua trajetória na Guerra Farroupilha. Assim, recompor a trajetória do “Pastor Farrapo”, através da perspectiva da História Cultural, se configura como uma possibilidade para se conhecer e compreender do contexto histórico dos primeiros tempos da organização do vilarejo de Campo Bom/RS. Tendo como base a trajetória de um imigrante germânico no conflito Farroupilha é também possível conhecer como as relações políticas do Período Regencial brasileira se tramou nas mais diferentes localidades do país. Além disso, nos permite pensar as várias relações entre imigração alemã, protestantismo e a Revolução Farroupilha.

Caminhando pelos textos, temos o artigo *Práticas coronelísticas e In-*

*tegralismo no Município de Teixeira Soares-PR (1930-1937)*, que nos coloca diante dos projetos políticos na cidade de Teixeira Soares, através da trajetória política de João Molinari Sobrinho, quando a estrutura coronelística existente na cidade desde sua emancipação em 1917, perde parte de seu prestígio político, notadamente para o Integralismo, que ganhou força em todo o Paraná. A especificidade Teixeira Soares está no fato de ter sido a única cidade dos Campos Gerais a eleger um integralista como prefeito (o primeiro também do Brasil). É importante ressaltar, ainda, que Ação Integralista Brasileira atingiu a classe média urbana (jovens, advogados, professores, profissionais liberais) que tinha qualquer participação política na República Oligárquica, devido ao poder econômico e político monopolizado pelos grandes fazendeiros, ervateiros, empresários e donos das primeiras serrarias e madeireiras da cidade. Outro elemento a ser considerado é que o discurso integralista, fundamentado sob o lema “Deus, Pátria e Família”, foi ao encontro aos valores presentes em uma sociedade em sua maior parte interiorana e de maioria católica, nas quais estas crenças e valores eram praticados cotidianamente.

Para finalizar a leitura, e com a anuência dos leitores, caímos na farra acompanhados de mais uma dose, como podemos ler na epígrafe. O artigo *Que boemia é esta e que boêmio é este?: reflexões sobre as representações do fazer cotidiano: o boêmio entre o discurso e a prática durante a década de 1930 na cidade de Ponta Grossa (PR)*, a partir da coluna “Notas Mundanas”, veiculadas pelo “Diário dos Campos”, nos instiga a pensar a boemia em uma cidade de médio porte do Paraná. As relações que o texto estabelece são entre trajetórias boêmias e cidade e, assim, caminhando por essas veredas, nos deparamos com o seu ambiente noturno, as bebedeiras, os jogos de azar e os flertes amorosos. Ou seja, isso nos leva a pensar aspectos referentes a um “ser-fazer” boêmio em uma cidade de médio porte que, durante a década de 30, apresentava-se interiorana e conservadora, buscando em consonância com o panorama nacional, os rumos para uma urbe civilizada.

Terminamos essas linhas com breves considerações de Anne Gilbert sobre o conceito de região e como ele pode ser útil para nos ajudar a pensar a temática desse dossiê. Em seu texto *The new regional geography in english and french – speaking countries* (Progress in Human Geography, London, a. 12, n. 2, p. 208-228, jun./1998), a autora enfatiza que podemos conceituar a região, apresentando, especificamente, três direcionamentos básicos: (a) a região como resposta local aos processos capitalistas; (b) a região como foco

de identidade cultural e, (c) a região como interação social. Assim, a primeira delas é refere-se à região como a organização espacial dos processos sociais associados ao modo de produção e envolve a) a regionalização da divisão social do trabalho; b) a regionalização do processo de acumulação do capital, organizado como uma rede de processos de acumulação parcial interligados, que definiram as bases territoriais; c) a regionalização da reprodução da força de trabalho, cuja lógica relaciona a região de mercados de trabalho à organização espacial da população e; d) a regionalização dos processos políticos e ideológicos de dominação usados para manter as relações sociais de produção.

### Referências

PAULILO, Maria Ângela. **A Pesquisa Qualitativa e a História de vida**. Serviço Social em Revista, Londrina, v. 2, n.1, p. 135-145, 1999.

BARBATO, Silviane. História oral - história de vida: a relação entre memória pessoal e coletiva. *Cadernos do CEAM – Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares*, Brasília, ano 4, nº 15, pp. 103-111, dez./2004.

BERTAUX, Daniel. **Destinos sociais e estrutura de classe: para uma crítica da antroponomia política**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

TELLES, Vera da Silva. Pontos e linhas de uma descrição da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios. In: Elaine Marlova Venzon Francisco e Carla Cristina Lima de Almeida. (Orgs.). **Trabalho, território, cultura: novos prismas para o debate das políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2007.

REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

LEPETIT, Bernard. **Temporalités urbaines**. Paris: Anthropos, 1993.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de migrantes**. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.

### Apresentação dos Editores em Vídeo



Faca o download do arquivo Editorial em pdf para visualizar a apresentação dos editores em formato de video.